

A QUIROMANTE

Gillette Audio — Nando o Escriba — gillettenarrative.com

Meus filhos me observavam de longe. Estavam sorrindo, mas nenhum dos três se aproximou. Cochichavam com a mãe, e dentro daqueles cochichos eu conseguia ouvir: mãe, quem diabos é o nosso pai?

Não no sentido biológico. No sentido de saber se tinham herdado aquela loucura que a marca chamava de capacidade e a sociedade chamava de insanidade — porque não podia ser arquivada em lugar nenhum.

Eu tinha voltado à minha Nova York para ver alguns amigos. Naquela mesma noite voamos para Boston, a casa da minha mãe.

Na Main Street o restaurante de sempre esperava: lagosta e linguine. Dois irmãos sicilianos, o sotaque uma mistura de Palermo e Massachusetts. Parecia Era Uma Vez na América — só que desta vez era eu que escrevia a trilha sonora, com as minhas próprias piadas.

Um dos dois pediu para me encontrar no dia seguinte, no fim da manhã. Não entendi o que queria. Encontrei-o no cais por volta do meio-dia. Ele agarrou meu braço: “Frega, qual é a sua relação com a MAGIA?”

“Depende. A editorial, eu sei explicar. A comercial, eu sei inventar. O resto, não saberia dizer.”

“Não, não. Estou falando de bruxas e cartomantes. Os indianos da Índia foram os primeiros. Depois as santerías africanas. Todos combatendo o mal com rituais.”

Ele era bem informado. Fiz-me de bobo. Ele insistiu: “Quero te levar a uma amiga minha, para ler as suas cartas.”

“As cartas do tabelião eu deixei em casa. O pôquer eu abandonei.”

Ele caiu na gargalhada: “Não essas cartas. Tarô.”

“Tarô não é uma variedade de laranja siciliana?”

“Não seja burro, Frega. O mesmo filho da puta de sempre. Vamos.”

Vinte minutos a pé, quatro quarteirões. Chegamos.

Uma portuguesa de noventa e dois anos, charuto aceso. “Caramba, você chegou. Já faz um tempo que eu estava te esperando. Juliana e a amiga indiana dela estiveram aqui ontem de manhã. Estão furiosas. Metidas na confusão que você está armando com esse maldito gillettenarrative.com. Você não pode ser comprado. Não pode ser vendido. Não pode ser gasto.”

Eu ria feito um louco. Parecia um sonho. Meu amigo me deu um beliscão: “Isto não é Hollywood. Isto é a Main Street.”

Ela começou a leitura. Disse-me para não cruzar as pernas. Para ficar sério. A certa altura, chegou uma voz — um espírito, um eco do outro lado:

“Frega, é verdade o que você escreveu no volume 15 da saga Gillette?”

Caí na gargalhada. A quiromante, desanimada: “Não é magia o que se precisa aqui. Não é tarô o que se precisa. Só se precisa de orações.”

Bem-vindo.

Ferdinando

© 2026 Ferdinando Frega — Todos os direitos reservados

Gillette Audio — Registro de copyright nos EUA em andamento